

**Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)**



**Ciências da
Comunicação**

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

Ciências da Comunicação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da comunicação [recurso eletrônico] / Organizadora
Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Comunicação; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-204-3

DOI 10.22533/at.ed.043192503

1. Comunicação – Aspectos políticos. 2. Comunicação de massa.
3. Internet. 4. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu
Torres. II. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume da obra “Ciências da Comunicação” é composto por 28 artigos que aproximam as reflexões teóricas da prática cotidiana profissional e trazem importantes contribuições para a área da comunicação.

Dividido em três núcleos temáticos, o livro reúne aportes teóricos sobre os movimentos sociais e ações coletivas e apresenta pesquisas referentes à democratização da comunicação, ao papel do jornalismo alternativo na sociedade e às formas de financiamento da imprensa baseadas em novos modelos de negócio. A obra também traz algumas análises de coberturas jornalísticas, uma pesquisa sobre o interagendamento e contra-agendamento midiático de acordo com os conceitos de Maxell McCombs e Luiz Martins da Silva e reforça a importância da crítica para o jornalismo.

A partir do segundo núcleo temático, o leitor encontrará pesquisas sobre o posicionamento da mulher na sociedade e a sua imagem na mídia. As pesquisas discutem a diversidade na perspectiva do gênero, a formação de estereótipos na comunicação audiovisual, os desafios enfrentados pelos imigrantes e a representação de diferentes culturas pelos meios de comunicação. Por fim, o último núcleo temático reúne pesquisas referentes à comunicação organizacional, às estratégias voltadas aos diferentes públicos e às construções discursivas realizadas pelas organizações.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MOVIMENTOS SOCIAIS E DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE NO CASO BRASILEIRO	
Carlos Henrique Demarchi	
DOI 10.22533/at.ed.0431925031	
CAPÍTULO 2	12
“O JORNAL BURGUEÊS CONSEGUE FAZER-SE PAGAR PELA PRÓPRIA CLASSE TRABALHADORA QUE ELE COMBATE SEMPRE”: FINANCIAMENTO E INDEPENDÊNCIA DE CLASSE NO JORNALISMO SEGUNDO LÊNIN E GRAMSCI	
Willian Casagrande Fusaro	
Manoel Dourado Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.0431925032	
CAPÍTULO 3	21
DA IMPRENSA SINDICAL PARA A IMPRENSA DE MASSA: INTERAGENDAMENTO E CONTRA-AGENDAMENTO	
Alexsandro Teixeira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.0431925033	
CAPÍTULO 4	33
MÍDIA NINJA: PROCESSO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES AUDIOVISUAIS, POR MEIO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS, SOBRE O CASO MARIELLE FRANCO	
Valéria Noronha de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0431925034	
CAPÍTULO 5	44
MANIFESTAÇÕES EM MEGAEVENTOS: APONTAMENTOS SOBRE A COBERTURA DO SITE G1 E MÍDIA NINJA DA COPA DO MUNDO 2014	
Milton Julio Faccin	
Marcelo Vinícius Masseno Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0431925035	
CAPÍTULO 6	55
ENCHENTES DE 2017 NO RIO GRANDE DO SUL PELOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DE TENENTE PORTELA	
Lidia Paula Trentin	
Mônica Cristine Fort	
DOI 10.22533/at.ed.0431925036	
CAPÍTULO 7	67
O MONTE EVEREST EM “NO AR RAREFEITO” – UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DIALÓGICA	
Taíssa Maria Tavares Guerreiro	
Deivid Santos Vieira	
Isabelle Caroline Rodrigues de Sá	
Kethleen Guerreiro Rebêlo	
Liam Cavalcante Macedo	
Marcos Felipe Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0431925037	

CAPÍTULO 8	77
“DANÇANDO SOBRE ARQUITETURA” - DESAFIOS ATUAIS DA CRÍTICA DE MÚSICA	
Rafael Machado Saldanha	
DOI 10.22533/at.ed.0431925038	
CAPÍTULO 9	89
ALBERTO DINES E O PAPEL DA CRÍTICA JORNALÍSTICA NA IMPRENSA BRASILEIRA	
Diana de Azeredo	
DOI 10.22533/at.ed.0431925039	
CAPÍTULO 10	103
DILMA ROUSSEFF: O PAPEL DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA	
Tylcéia Tyza Ribeiro Xavier	
Sílvia Ramos Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.04319250310	
CAPÍTULO 11	117
JORNALISMO, CULTURA E GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS MULHERES NAS CAPAS DA ROLLING STONE BRASIL	
Luiz Henrique Zart	
DOI 10.22533/at.ed.04319250311	
CAPÍTULO 12	131
A PRESENÇA FEMININA NO JORNALISMO ESPORTIVO DA TELEVISÃO ABERTA: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “JOGO ABERTO”, DA BANDEIRANTES	
Érika Alfaro de Araújo	
Mauro de Souza Ventura	
DOI 10.22533/at.ed.04319250312	
CAPÍTULO 13	146
DIVERSINE, UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA FÍLMICA PARA PENSAR A DIVERSIDADE NA PERSPECTIVA DO GÊNERO	
Hugo Bueno Badaró	
Thaumaturgo Ferreira de Souza	
Maria Lúcia Tinoco Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.04319250313	
CAPÍTULO 14	155
COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: HOMOSSEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA	
Pablo de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.04319250314	
CAPÍTULO 15	165
O HOMEM TRANS NA PUBLICIDADE: UMA ANÁLISE DO ANÚNCIO <i>UNLIMITED COURAGE</i> , DA MARCA NIKE	
Nicolau Jordan Girardi	
Adriana Stela Bassini Edral	
DOI 10.22533/at.ed.04319250315	

CAPÍTULO 16	180
VIOLAÇÃO DE DIREITOS LGBTI+ NA CAMPANHA DA RÁDIO JOVEM PAN PARA O DIA INTERNACIONAL DE COMBATE À LGBTIFOBIA	
Adriano Quaresma da Costa Armando Leandro Ribeiro da Silva Esthefany Carolyne Silva da Cruz Karen Isabela Leite Alcântara Matheus Henrique Cardoso Luz Lorena Cruz Esteves Suzana de Cassia Serrão Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.04319250316	
CAPÍTULO 17	192
EVIDÊNCIAS E SILÊNCIAMENTOS NOS DISCURSOS DE LÁGRIMAS CONTRA A POLÍTICA DE TOLERÂNCIA ZERO ANTI-IMIGRAÇÃO DOS USA	
Magali Simone de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04319250317	
CAPÍTULO 18	208
O IMIGRANTE NO MEIO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO	
Benalva da Silva Vitorio	
DOI 10.22533/at.ed.04319250318	
CAPÍTULO 19	222
UMA DISCUSSÃO SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ	
Alcilaine de Macedo Alencar Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.04319250319	
CAPÍTULO 20	235
A CULTURA DO SOL NASCENTE NAS TERRAS CAPIXABAS	
Rafaela Daima Lima Danielly Veloso Schulthais Andressa Zoi Nathanailides	
DOI 10.22533/at.ed.04319250320	
CAPÍTULO 21	245
A REPRESENTAÇÃO DOS ASIÁTICOS NA TV BRASILEIRA: APONTAMENTOS INICIAIS	
Krystal Urbano Maria Elizabeth Pinto de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.04319250321	
CAPÍTULO 22	260
CULTURA ORGANIZACIONAL PROPÍCIA ÀS POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA IDENTIFICAR OS TIPOS DE CULTURA ORGANIZACIONAL	
Maria José da Costa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04319250322	

CAPÍTULO 23	272
COMO O <i>OMBUDSMAN</i> DE DADOS PODE REFORÇAR A MULTIDISCIPLINARIDADE NA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL?	
Wallace Chermont Baldo	
DOI 10.22533/at.ed.04319250323	
CAPÍTULO 24	284
COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA EM CLUBES DE FUTEBOL DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA: RELACIONAMENTO COM OS PÚBLICOS-ALVO	
Karla Caldas Ehrenberg	
Ary José Rocco Junior	
Carlos Henrique de Souza Padeiro	
DOI 10.22533/at.ed.04319250324	
CAPÍTULO 25	297
OS PÚBLICOS PROJETADOS: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NA PROPOSIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS PELAS ORGANIZAÇÕES	
Márcio Simeone Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.04319250325	
CAPÍTULO 26	308
ACESSIBILIDADE E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: PLANEJAMENTO E PÚBLICOS EM UMA CAMPANHA INCLUSIVA PARA PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO	
Victor Said dos Santos Sousa	
Leonardo Santa Inês Cunha	
Lidiane Santos de Lima Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.04319250326	
CAPÍTULO 27	322
COMUNICAÇÃO COTIDIANA DOS VALORES DE RESPONSABILIDADE SOCIAL: REPRODUZINDO CULTURA NAS REDES SOCIAIS (OU NÃO)	
Maria Augusta de Castro Seixas	
Emmanuel Paiva de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.04319250327	
CAPÍTULO 28	338
A COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ESTADO DE RONDÔNIA	
Edna Mendes dos Reis Okabayashi	
Moacir José dos Santos	
Monica Franchi Carniello	
DOI 10.22533/at.ed.04319250328	
SOBRE A ORGANIZADORA	352

A REPRESENTAÇÃO DOS ASIÁTICOS NA TV BRASILEIRA: APONTAMENTOS INICIAIS

Krystal Urbano

Universidade Federal Fluminense (PPGCom - UFF)

Niterói - Rio de Janeiro

Maria Elizabeth Pinto de Melo

Universidade Federal Fluminense (PPGCom - UFF)

Niterói - Rio de Janeiro

Obra e adaptação das autoras, baseada em sua produção para o Intercom ed. 2018.

RESUMO: O objetivo desse artigo consiste em apontar inicialmente como as dinâmicas de representação asiática funcionam e são estruturadas na televisão brasileira. A noção de negritude aqui aparece como um guia para se pensar branquitude e este artigo acrescenta a problemática enfrentada por asiáticos e seus descendentes no Brasil. A premissa central é que a discriminação contra os asiáticos na sociedade brasileira, sobretudo nos ambientes das mídias locais, seja sustentada por redes da branquitude brasileira que atua de forma narcisista e em constante rivalidade com não-brancos.

PALAVRAS-CHAVE: identidades étnico-raciais; branquitude; representatividade asiática; televisão brasileira.

ABSTRACT: This article have the intention

1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JxMHRkISC2E>>

to introduce how the dynamics of Asian representation work and are structured in Brazilian television. The ‘Blackness’ is being using as a guide to think about whiteness and some problems faced by Asians and theirs descendants in Brazil. The central premise is that discrimination against Asians in Brazilian society, especially in the local media environments is sustained by networks of Brazilian whiteness that acts narcissistically and in constant rivalry with non-whites.

KEYWORDS: ethnic-racial identities; whiteness; Asian representativeness; Brazilian television.

1 | INTRODUÇÃO

No dia 14 de março de 2017, foi ao ar na Rede Globo de Televisão uma reportagem bastante controversa no programa Globo Esporte, telejornal esportivo veiculado de segunda a sábado nas tardes da referida emissora. A matéria tinha como foco o *Glory of Heroes*, a maior competição de artes marciais da China que desembarcaria no Brasil para uma edição inédita no ginásio do Ibirapuera na cidade de São Paulo.

No dia 16 de março, o canal do YouTube *Yo Ban Boo*, lançou um vídeo chamado “Fala Frango!”¹ destacando as partes mais

desagradáveis e polêmicas dessa reportagem de quase quatro minutos de duração. As principais críticas à matéria do Globo Esporte centravam-se na questão linguística através da qual a repórter Camila Silva “brincou” com os entrevistados cobrando uma fala mais “nativa” brasileira. De fato, toda a reportagem disponível no GloboPlay² trabalha em torno da dificuldade de alguns entrevistados falarem português-brasileiro e pouco se fala sobre as competições e a relevância do evento em si. Dentre os comentários mais significativos recebidos dos seguidores do canal *Yo Ban Boo* destacam-se aqueles que mencionaram o fato da repórter ser negra e ter sido capaz de reproduzir piadas discriminatórias nas perguntas direcionadas aos imigrantes chineses entrevistados na matéria. O canal, no entanto, se posicionou em defesa da repórter como mostra esse *disclaimer* fixado pela equipe nos comentários do vídeo:

Esse vídeo é para mostrar como a mídia, no caso o Globo Esporte, normaliza esse tipo de atitude. Este vídeo não é uma crítica individual a repórter e pedimos respeito. Ela sozinha não deu esse tom à entrevista. Quem editou? De todas as perguntas que ela fez, por que colocaram só essas partes? Aquela musiquinha, a direção, quem orientou o tom das entrevistas? Ela só foi a única que expôs o rosto. Faltou noção da realidade, mas a responsabilidade é da Globo, da mídia. Comentários racistas e/ou preconceituosos serão excluídos e bloqueados.

De fato, após a exibição da fatídica reportagem e sua negativa repercussão no ambiente das mídias sociais, a repórter do Globo Esporte escreveu um extenso pedido de desculpas em seu Facebook e no próprio canal do *Yo Ban Boo*, no YouTube, explicando que a reportagem não ficou no formato desejado por ela; que as perguntas ofensivas expressavam o oposto da sua intenção na ocasião. Não obstante, a repórter foi alvo nos dias seguintes de ataques igualmente discriminatórios devido a este episódio, tendo recebido diversos comentários depreciativos em suas mídias sociais (do tipo “pelo menos comem frango e não bananas”, “imagina se fala imita um macaco”, dentre outros). Talvez mais importante e relevante para o nosso argumento seja o fato de que entre todos os envolvidos na reportagem (produtores, editores, dentre outros), Camila tenha sido a única a se desculpar publicamente pelo ocorrido, nos levando a crer que sua posição enquanto mulher negra tenha contribuído para tal posicionamento, em oposição à atitude adotada pela emissora de TV responsável pelo programa, que não se pronunciou sobre o caso em questão.

Se for consenso que identidade e representação caminham juntas, como bem nos explica Stuart Hall (1997, 2000, 2003), não significa que ambas caminhem apoiando-se mutuamente. Sendo a identidade uma “arena de disputas pelo direito de significar” e a representação “uma instância que materializa as dinâmicas constitutivas da primeira” e, concebendo ambas como um “processo discursivo”, pode acontecer que “identidades fluidas e cambiantes sejam fixadas por sistemas de representação estáticos, pautados por essencialismos e mediados pelo discurso do senso comum” (MONTEIRO, 2008, p. 08).

Com efeito, no que diz respeito à representatividade midiática, os brasileiros de

2. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5726148/>>.

ascendência asiática têm pouca visibilidade na mídia brasileira, sendo rara a presença destes em comerciais, telenovelas e filmes e, quando ocorrida, fundamentalmente é marcada por estereótipos recorrentes, ocasionando uma sub-representatividade nesse universo³. Na teledramaturgia nacional, por exemplo, atores de origem oriental apenas conseguem papéis caricatos e que remetem ao estereótipo do japonês/asiático, como de feirantes e pasteleiros ou de aficionados por tecnologia, praticantes de artes marciais e vendedores de sushi, gueixas e samurais. Em testes para um papel na televisão, há relatos de atores que são obrigados a forçar um “sotaque japonês”, mesmo estando a comunidade nipônica na quinta geração no Brasil. Dificilmente um ator oriental consegue um papel que não tenha relação com a sua origem étnica, que é potencializada nessas representações.

O objetivo desse artigo consiste em apontar inicialmente como as dinâmicas de representação asiática funcionam e são estruturadas na televisão brasileira. Temos a intenção de pensar de forma interseccional não apenas levando em consideração a tríade de raça, gênero e sexualidade (CRESHAW, 1995; LUGONES, 2008; BIDASECA, 2010), como também as realidades de grupos (raciais) não-brancos distintos com um problema em comum: o branco. A noção de negritude aqui aparece como um guia para se pensar branquitude⁴ e este artigo acrescenta a problemática enfrentada por asiáticos e seus descendentes no Brasil.

Tendo em vista atingir os objetivos propostos, o argumento do artigo se divide em duas partes. A primeira destaca de forma mais contingente o branco como foco do problema do racismo contra asiáticos e, na segunda parte, discutimos sobre a forma que os asiáticos e seus descendentes costumam ser retratados na mídia televisiva brasileira através de alguns casos previamente elencados. Nossa aposta é que a discriminação contra os asiáticos na sociedade brasileira, sobretudo nos ambientes das mídias locais, seja sustentada por redes da branquitude brasileira que atua de forma narcisista e em constante rivalidade com não-brancos.

2 | FOCO DO PROBLEMA RACIAL: A BRANQUITUDE NA RELAÇÃO COM OS “OUTROS”

Quando se trabalha com a noção de raça, é comum que o foco das discussões não seja o branco e que o “privilegiado” como “objeto de estudo” seja o negro. Isso porque a branquitude foi construída como padrão, isenta de problemas, ou seja, como

3. O ator Carlos Takeshi após ter dito em agosto do ano passado, semanas antes da estreia de “Sol Nascente”, um dos casos que será abordado nesse artigo: “Adoro Luis Melo. Adoro Giovana Antonelli. Odeio discriminação. Odeio preconceito. Por que trocaram (o ator) Ken Kaneko? Oriental não pode ser protagonista? Vivem me pedindo para forçar sotaque e quando o ator tem sotaque naturalmente é descartado para um papel de destaque? Vão ter que explicar muito bem. Eu não engulo a mestiçagem que criaram para o personagem”. Disponível em: <<https://www.otvfoco.com.br/ator-que-criticou-globo-por-japoneses-fakes-entra-para-sol-nascente/>>.

4. Branquitude (ou branquidade) está sendo usado neste artigo como referente à noção de identidade branca. Ao longo do artigo será possível compreender minimamente como ela é construída e alguns dos problemas que surgiram a partir dela.

o ideal. O negro, por outro lado, foi construído como o extremo oposto do branco: atrasado, pecador, tribal, selvagem e o mais feio de todos. O problema portanto, normalmente é encontrado no não branco, e dificilmente é visto no branco. Dentro da lógica criada a partir da hierarquia racial, no entanto, existem muitos “níveis” entre o negro e o branco. O asiático (amarelo), nesse sentido, posiciona-se em uma posição intermediária e complicada para se estudar, pois a bibliografia mais densa que existe no Brasil trabalha justamente o contraste entre o branco e o negro.

A colonização epistemológica colabora com essa dinâmica, pois permite que o branco controle a produção o suficiente para que a branquitude não receba o destaque necessário mesmo em trabalhos sobre etnicidade e racialidade, pois não falar sobre o problema da construção da branquitude ajuda na manutenção de seus privilégios (SILVA; 2017). A branquitude, enquanto elemento resultante da estrutura colonialista europeia foi e continua sendo responsável pela estrutura de poder mundial atual (SILVA, 2017), ou seja, as diferenças raciais não são apenas um “legado histórico” inflexíveis e sim, constantemente reforçadas, adaptadas e materializadas (SCHUCMAN, 2012).

Os estudos críticos da branquitude nasceram da percepção de que era preciso analisar o papel da identidade racial branca enquanto elemento ativo nas relações raciais em sociedades marcadas pelo colonialismo europeu. Percepção esta que esteve presente nos estudos de intelectuais como W. E. B. Du Bois (1920, 1935); Frantz Fanon (1952); Albert Memmi (1957), hoje compreendidos como precursores dos estudos sobre a branquitude (CARDOSO, 2008; 2010 e 2014). Tais intelectuais, em diferentes contextos históricos e sociais, chamaram a atenção para os efeitos da colonização e do racismo na subjetividade não só do negro, mas sobretudo, do branco. Leitura que desafiava a interpretação unívoca a qual via o negro como “objeto de estudo”, “tema de estudo” privilegiado para compreensão das relações raciais. Seguindo esse lastro, na década de 1990, intelectuais norte-americanos iniciaram uma reflexão sistemática sobre o fenômeno da branquitude e seus efeitos. O tema difundiu-se rapidamente por diferentes áreas de estudo (direito, arquitetura, geografia, antropologia, sociologia, psicologia). (SILVA, 2017, p. 21)

Como demonstrou o pesquisador Lourenço Cardoso (2008, 2010 e 2014), no Brasil os estudos sobre branquitude emergiram de forma mais sistemática a partir do ano 2000. (...) Os primeiros intelectuais que se ocuparam em entender o papel da identidade branca nas relações sócio-raciais em nosso país foram Alberto Guerreiro Ramos, Edith Piza, César Rossato e Verônica Gesser, Maria Aparecida Bento e Liv Sovik (CARDOSO, 2008). (SILVA, 2017, p. 25)

Como Schucman (2012) descreveu, o poder da branquitude funciona em rede. É importante ter isso em mente ao pensarmos nas mídias contemporâneas: os envolvidos fazem parte de uma rede de poder que se auto privilegia pautando-se na própria mentalidade de mundo racializada e na rivalidade com não-brancos. Como a raça é uma categoria relacional, ela se adapta ao contexto. Para que ela se adapte, ela precisa atualizar as lógicas das hierarquias para que alguém seja considerado o “mais branco” e permaneça ao topo, dessa forma a rivalidade se faz necessária. O “medo branco”⁵ também pode ser relacionado com essa rivalidade pois a resistência

5. O “medo branco” tratado aqui é referente ao que Schucman trabalhou em sua tese: o temor que a hierarquia racial se inverta. Mas, no nosso entendimento, além disso é o medo que vem da ideia de que criar hierarquias raciais é algo intrínseco ao ser humano. Ou seja, a branquitude tem dificuldades em enxergar um mundo em que

do branco aos não-brancos aparece quando o mesmo acredita que o outro pode olhar para ele como algo negativo retirando o seu privilégio como “ser ideal” e/ou normativo. Além disso, se esses não-brancos forem auto-suficientes, o branco tende a acreditar que eles podem rejeitá-lo e mudar toda a dinâmica na qual o branco se sente em vantagem e confortável.

Para entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. Por isso, é necessário entender as formas de poder da branquitude, onde ela realmente produz efeitos e materialidades. (SCHUCMAN, 2012, p. 23)

Destacamos aqui, duas entrevistas presentes na tese de Schucman (2012, p. 75-76) que focam na relação branco-negro, mas que pode nos ajudar a compreender como o branco se enxerga. A pesquisadora conversa com dois paulistas brancos que falam sobre ausência de negros ocupando alguns cargos no mercado de trabalho. Um deles afirmou que em sua loja prefere contratar vendedores brancos para que o cliente se identifique e a outra afirma que na empresa onde trabalha, mesmo que tenha estudado em uma universidade com diversos estudantes negros, não encontra essas pessoas ocupando cargos como o dela. Aqui é possível observar que o próprio dono da loja percebeu, através da própria vivência, a dificuldade que os brancos têm de identificar-se com não-brancos e que independente da qualificação do negro, ele tende a ser rejeitado de espaços que podem colaborar com o seu crescimento pessoal e profissional porque a sua imagem ocupando espaços de poder acionam o “medo branco” já mencionado.

No momento em que o branco ocupa o protagonismo de não-brancos através do *Whitewashing*⁶, é importante observar a intenção de se constituir como centro e/ou referência. Ou seja, existe uma tendência e um esforço em se legitimar como central em todas as ocasiões em que se insere. Além disso, o branco, devido a sua personalidade narcisa, acredita que ele próprio eleva a qualidade de qualquer cultura ao apropriar-se dela (CARDOSO, 2014). Mas essa não é uma atitude meramente individual. A coletividade sistematizou-se (em redes) para funcionar dessa forma guiada por noções de hierarquia racializada.

O branco Narciso ou narcísico é aquele que enxerga, porém, com um detalhe, enxerga somente a si (Bento, 2002a,b). O seu espelho é a uma imagem de fotografia. Uma imagem congelada. Ele é a expressão do divino, do belo, da inteligência. Com efeito, o branco Narciso somente tem olhos para si. Ele é enamorado por si. E como o branco Drácula, faz com que todos os outros não-brancos sejam apaixonados por ele. Somente o branco é passível de se apaixonar por si mesmo. Nos termos que poderemos considerar como sadio. Somente ao branco é possível, “beber-se”, “devorar-se”, ser Narciso. Seria uma característica restrita ao seu grupo a possibilidade de amor-próprio, porque ele é desejo. Enquanto, os Outros são repulsivos, feios, patológicos (Ramos, 1995[1957]b). (CARDOSO, 2014)

Arriscariamos dizer que a apropriação do branco brasileiro das culturas asiáticas

as diferenças não se organizem verticalmente.

6. Neste artigo utilizamos o termo para nos referirmos ao ato de atores brancos protagonizarem papéis originalmente asiáticos.

invisibilizando o asiático (tornando-o bizarro e risível) sentindo-se superior enquanto utiliza seus adereços e ocupa seus espaços é a forma que o branco criou de identificar-se com o que é do outro e produzir novas identidades brancas, pois o apagamento de não-brancos possibilita que brancos sejam referência para eles mesmos mesmo quando estão se apropriando de culturas originárias de povos considerados não-brancos. Dessa forma, a branquitude de adapta a diferentes contextos, produz novas identidades, atualiza as lógicas de hierarquia e consegue sobreviver como detentora de privilégios.

É a partir dessas adaptações que é possível observar também as hierarquias criadas entre os próprios brancos: os “encardidos”, os brancos e os branquíssimos descritos por Schucman (2012). Hierarquias essas pautadas por religiões, nacionalidades, fenótipos, culturas, etc. Nessa lógica, os branquíssimos carregam a ideia de “pureza” e os brancos e “encardidos” carregam identidades mais “flexíveis” e “mestiças”.

No entanto, Cardoso (2014) e Schucman (2012) irão afirmar que brancos, apesar dos obstáculos materializados pela branquitude, têm a capacidade de autorreflexão a respeito das próprias identidades racializadas. Cardoso (2014), inclusive, irá denominá-los como branquitude “crítica”, enquanto Schucman (2012) afirma que o branco que possui “relações de afetos não hierarquizadas” com não-brancos tende a ter maior facilidade de autorreflexão e a rejeitar a hierarquia racial criada pela branquitude da qual não desejam pertencer. Porém, é importante destacar que apesar dessa capacidade de autorreflexão é extremamente difícil encontrar evidências de sujeitos isentos de racismo.

3 | DA PRESENÇA E (IN)VISIBILIDADE DO ASIÁTICO NAS MÍDIAS BRASILEIRAS: O CASO TELEVISIVO

A construção da imagem do asiático no Brasil é feita desde o início do século 20, quando o governo passou a incentivar a vinda de imigrantes para compor a mão de obra nacional, após o término da escravidão. Nesse imaginário, explica historiadores, houve uma “castração” do homem asiático, ao mesmo tempo em que a mulher foi hipersexualizada⁷.

(ANDO FILHO, *Nexo Jornal*, 2016)

A representação dos asiáticos (e brasileiros de ascendência asiática) na mídia brasileira pouco mudou com o decorrer do tempo. Isto é, ainda que existam muitos descendentes de asiáticos no Brasil (2,08 milhões segundo o censo de 2010), eles são vistos como “o outro”, o brasileiro não legítimo e o outro não pode apoderar-se de um espaço que é majoritariamente “branco”, pois a branquitude se constrói como “lugar de poder” e “símbolo de dominação” (SILVA, 2017). Apesar disso, sua presença

7. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/07/27/Jovens-de-origem-asi%C3%A1tica-se-mobilizam-por-maior-representatividade>>

pode ser sentida em casos localizados que seguem nesse texto. Quem não se recorda da colorida personagem Miyuki, interpretada por Daniele Suzuki, na telenovela *teen Malhação*, da irreverente participante da terceira edição do Big Brother Brasil, Sabrina Sato, ou mais recentemente, da primeira protagonista oriental da Globo, a Tina de *Malhação - Viva a Diferença*, interpretada por Ana Hikari?

O fato é que desde Daniele Sukuki à Ana Hikari, novelas e programas televisivos de grande audiência junto a população ainda reforçam as mesmas imagens estereotipadas, ganhando novos adereços, muitos destes recorrentes da intensa penetração dos produtos pop que compõem a Japão Mania desde os anos 1990 no Brasil (URBANO & ARAUJO, 2018). O esquema “sushi-mangá-pokemon” que refere-se a popularização do pop japonês na sociedade brasileira, antes de mais nada, conota uma reafirmação de vários estereótipos do nipodescendente, ampliando o processo radical de exotização (RIBEIRA, 2011). Já no caso dos coreanos, a questão da representatividade (ou falta dela) nas mídias locais se coloca ainda de maneira mais contundente, uma vez que sua ausência favoreceu leituras sobre esses imigrantes, seus descendentes e sua cultura, onde o Japão e seus imigrantes ocupam seu principal referencial de “asianidade” (URBANO & ARAUJO, 2018).

Outra questão fundamental que se coloca, diz respeito à ausência de referências nas mídias locais sobre a sexualidade dos brasileiros de ascendência asiática ou da sexualidade em si mesma, o que levanta questionamentos concernentes às intersecção entre raça/gênero/sexualidade. Neste contexto, é de fundamental importância pensar a intersecção entre raça/gênero/sexualidade como expoentes de discursos e práticas libertadoras que visam romper com idéias dominantes e conservadoras presentes nas sociedades que se desdobram nos movimentos feministas e anti-racistas. Quem invoca o conceito de “intersecção” é Kimberly Creshaw (1995) para analisar em conjunto uma série de variáveis que vão desde a violência doméstica a políticas anti-racistas, por meio de outras ações opressivas com base em múltiplas variáveis. Trocando em miúdos, Creshaw (1995) aponta que há uma opressão intercategoria, e que se torna difícil estudar e interpretar essas lutas sem uma análise interseccional. Cabe a esta batalha analítica o objetivo de encontrar formas de interpretar as diferentes ferramentas de poder que nos deram a episteme eurocêntrica: colonialista, capitalista e patriarcal (BIDASECA, 2010; LUGONES, 2008). Uma vez que “a casa do amo não se derruba com as ferramentas do amo” (LORDE, 1979), parece que necessitamos encontrar novos caminhos interseccionais que nos permitam desarmar as estruturas de pensamento eurocêntrico.

No caso das mulheres asiáticas, sua posição histórica de objeto de fetiche – uma atitude que não é exclusiva dos brasileiros, mas um problema de âmbito internacional – tidas no imaginário do senso comum como submissas, caladas e dóceis, como destaca Carolina Ricca, de ascendência sino-japonesa: “Como mulher brasileira de ascendência asiática, eu sinto que as compreensões sobre opressão reúnem muito essa fórmula que é etnia, raça e gênero, pois querendo ou não existe uma objetificação

imensa sobre o meu corpo, e uma fetichização sobre esse corpo e essa cultura que em fenótipo acompanha ela”⁸. Tal imaginário fetichista⁹ pode ser evidenciado em comentários recorrentes aos asiáticos brasileiros como “adoro pegar orientais” ou “sempre quis namorar um(a) japonês(a)”. Já no caso masculino, a sexualidade foi e ainda é, em grande parte, omitida ou tida como algo incipiente, com pouco vigor e até feminizada nos estereótipos veiculados na sociedade brasileira, estendendo-se assim aos demais brasileiros de ascendência asiática – coreanos, taiwaneses, okinawanos, dentre outros - (insibilizando-os, por tabela) que residem em nosso país.

Um exemplo particularmente elucidativo desta dinâmica discursiva da ordem do senso comum acerca dos asiáticos brasileiros presente na mídia brasileira se dá no âmbito da teledramaturgia nacional. Na telenovela “Belíssima”, por exemplo, que foi produzida e exibida pela Rede Globo entre 7 de novembro de 2005 e 7 de julho de 2006 (e atualmente encontra-se em exibição no Vale a Pena Ver de Novo), encontramos um indicativo poderoso associado ao argumento que expomos aqui, a partir da construção discursiva do personagem Takae Shigeto, interpretado pelo ator Carlos Takeshi. O retrato produzido por Silvio de Abreu de Takae não poderia ser mais estereotipado: dono de uma quitanda que também funciona como peixaria, Takae é casado com Safira (Claudia Raia) que, por sua vez, terá um caso com o mecânico do bairro, interpretado por Reynaldo Gianecchini, compondo assim um triângulo amoroso. A construção narrativa de Takae se coloca como importante indicativo dessa construção discursiva da ordem do senso comum sobre o homem nipodescendente que veio se formando nas mídias nacionais.

Contudo, é pena que a família do Takae de ‘Belíssima’ seja uma caricatura do que se acha que são os japoneses. Não sei se o núcleo grego ou o judeu também estão caricatos, mas o fato é que o pai Takae é um exagero, apesar de engraçado. Sinceramente, alguém conhece um japonês que age como ele? (RIBEIRA, 2011, p. 95).

Já na novela “Geração Brasil”, produzida e exibida pela Rede Globo entre maio e outubro de 2014, Rodrigo Pandolfo interpretou Shin-So, um sul-coreano que rompeu relações com seu irmão gêmeo e veio para o Brasil, onde trabalha como repórter de celebridades na Parker TV, comandando os principais programas deste canal de TV a cabo. Para além da representação exótica e construção discursiva do personagem, notadamente inspirada no *rapper* Psy e na indústria da música *k-pop*, talvez mais curioso seja o fato de que o ator utilizou ao longo das gravações uma espécie de fita adesiva para mudar o formato dos olhos¹⁰. Mais do que isso: a escolha de atores

8. O que move o feminismo asiático no Brasil? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HsUHTvgOLQU>>

9. Pressionado pela audiência de Gugu Liberato, no SBT, que exibia duelos entre homens e mulheres ensaboados no famoso quadro da banheira, em 1997, o “Domingão do Faustão” da Rede Globo de Televisão apresentou o quadro “sushi erótico”, com as especialidades japonesas servidas sobre o corpo de mulheres nuas. As câmeras da emissora mostraram nus frontais por volta das 17h. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/236036-exu-sushi-erotico-e-hipnose.shtml?loggedpaywall#_=>

10. Para o carnaval de 2008 a modelo e rainha de bateria da Escola de Samba Porto da Pedra Ângela Bismarchi se submeteu a uma cirurgia de orientalização, na qual teve seus olhos repuxados por fios de ouro, para se integrar

brancos para interpretar personagens de origem asiática, enquanto prática corporativa ainda disseminada pelas emissoras de televisão no país, não nos parece justificável dado a presença histórica e relações bilaterais estabelecida entre Ásia e Brasil iniciada ainda no século XIX.

Mais recentemente para a novela “Sol Nascente”, também produzida e exibida pela Rede Globo no ano de 2016, atores orientais que fizeram teste para os papéis foram dispensados e a emissora escalou artistas brancos para interpretar personagens de origem japonesa na novela. Dada a importância do núcleo japonês para todo o desenrolar da trama (expressado no nome da produção, por exemplo), os integrantes da comunidade nipônica brasileira, atores de ascendência asiática e seus simpatizantes acusaram a emissora de racismo e de fomentar o *Yellowface*, prática que não é novidade na Rede Globo, tampouco no mercado audiovisual mundial:

“Em “Sol Nascente”, próxima novela das 18h da Globo, com estreia no fim de agosto, as trajetórias de uma família japonesa e de uma italiana se fundem no romance entre seus primogênitos, vividos por Giovanna Antonelli e Bruno Gagliasso. Uma brasileira órfã adotada pelo padrasto japonês foi a solução encontrada pela emissora para acobertar uma possível estranheza do público ao ver Antonelli protagonista do núcleo nipônico. Não que a compatibilidade entre a etnia dos atores fosse preocupação, já que o patriarca japonês, Kazuo Tanaka, será vivido por Luis Melo” (*Folha de São Paulo*, 2016).

A repercussão do fatídico episódio de Sol Nascente no meio artístico e junto às entidades de preservação da cultura asiática foi tanta, que diversas sátiras, paródias¹¹ e memes envolvendo o ator Luís Melo e a atriz Giovanna Antonelli, passaram a circular nas redes digitais, demonstrando assim que questões sobre identidade e representação¹² vem ganhando bastante presença no cenário contemporâneo, neste caso, impulsionado pelos movimentos dos asiáticos brasileiros nas mídias sociais, denotando assim uma militância asiática que, pouco a pouco, vem se mobilizando a partir deste meios. No nosso entendimento, o episódio consiste num poderoso indicativo de que a mídia local brasileira, aqui representada pela teledramaturgia nacional, trabalha de forma incisiva na desvalorização do não-branco desrespeitando a paisagem cultural do país. Esse sistema favorece discursos e micro-agressões que revelam um imaginário racial caricatural e essencialista pelo qual os brasileiros de ascendência asiática são “imaginados” no Brasil. Ademais, é importante ressaltar que o uso da expressão “não-branco” no masculino, para além da gramática, representa a dominância masculina como padrão da branquitude.

Como argumento de minimizar os riscos e potencializar os lucros de bilheteria, o mercado cinematográfico representado pela indústria hollywoodiana opta

o enredo da escola que abordou os 100 da imigração japonesa na avenida.

Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL314554-9798,00-ANGELA+BISMARCHI+DECIDE+VIRAR+JAPONESA+DE+VEZ+E+RECUPERAR+A+VIRGINDADE.html>>

11. Paródia da novela Sol Nascente no canal *Yo Ban Boo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JWPHDYxbqII>>

12. Vídeo do canal *Yo Ban Boo* | “O que significa se sentir representado”? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J2HUE-z9eHk&t=267s>>

frequentemente pela prática do *Whitewashing*. A prática, antiga e recorrente da indústria cinematográfica estadunidense, consiste em escalar um elenco de atrizes e atores brancos para papéis que, fora da ficção, seriam ocupados por pessoas de raça, cor ou etnia¹³ diferentes, como asiáticos, latinos, negros ou indígenas. Além disso, durante muito tempo, o cinema estadunidense fez uso de tinta para transformar atrizes e atores brancos em personagens – geralmente exagerados, burlescos e carregados de estereótipos – negros (*Blackface*) ou asiáticos (*Yellowface*)¹⁴. O *Whitewashing*, embora se esconda e pareça uma questão e decisão puramente de cunho mercadológico, consiste num problema quando se tem grupos étnico-raciais sub-representados nas produções culturais que circulam em caráter global devido a uma percepção racista de qualidade proveniente da branquitude que detém poder sobre essas produções.

Uma pesquisa publicada e reproduzida pelo *Nexo Jornal* em 2017 sob o título “O que é whitewashing. E por que o cinema é tão criticado por isso”¹⁵ traz dados sobre a representatividade étnico-racial no entretenimento em filmes de 2011 a 2015. Ela foi intitulada “Inclusão ou invisibilidade?” e conduzida por pesquisadores da USC (Universidade do Sul da Califórnia), na unidade de Los Angeles, cidade que abriga o polo cinematográfico de Hollywood. A pesquisa aponta que metade dos filmes estadunidenses daquele ano não tem nenhuma personagem negro ou asiático. E que, olhando para os bastidores, a proporção de diretores brancos é de 7 para 1 de raça, cor ou etnia diferentes. Já o relatório anual sobre diversidade em Hollywood, publicado em abril de 2017 pela UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles), aponta que entre 2011 e 2015, o número de protagonistas não-brancos em filmes variou de 10,5% (2011) e 16,7% (2013) para 13,6% (2015). Parte das explicações sobre a recorrência desse tipo de prática, pelo lado de quem produz filmes e séries nos EUA, recai sobre a dificuldade de se encontrar atrizes e atores para os papéis.

Masi Oka, um dos produtores do filme “Death Note”, lançado em agosto de 2017 pela Netflix, justificou ao responder a acusações de *Whitewashing* (o filme adaptou o enredo do anime japonês para se passar nos EUA com protagonistas brancos) acrescentando que os estúdios cobraram a busca por atores asiáticos e que eles estavam conscientes da questão.

13. Quando destacamos três termos que parecem se referir à mesma coisa (raça) ou utilizamos o termo “étnico-racial”, estamos destacando que uma identidade racializada pode estar relacionada à cor da pele da pessoa, ao fenótipo como um todo, à sua religião, à sua nacionalidade, à sua cultura e que todas essas e outras variantes podem estar sendo consideradas ao mesmo tempo.

14. Alguns exemplos incluem o personagem negro interpretado por Al Jolson no musical “O cantor de Jazz” (1927); e o caricato japonês Sr. Yunioshi, feito pelo Mickey Rooney em “Bonequinha de Luxo” (1961). O truque de maquiar atores, que ganhou o nome de *Blackface* (cara preta) e *Yellowface* (cara amarela), perdeu força na segunda metade do século XX.

Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/30/O-que-%C3%A9-whitewashing.-E-por-que-o-cinema-%C3%A9-t%C3%A3o-criticado-por-isso>>.

15. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/30/O-que-%C3%A9-whitewashing.-E-por-que-o-cinema-%C3%A9-t%C3%A3o-criticado-por-isso>>.

Nossos diretores de casting [seleção de elenco] fizeram uma extensa busca por atores asiáticos, mas não conseguiram achar a pessoa certa. Os atores com quem conversamos não falavam inglês perfeitamente... e os personagens foram então reescritos (*Nexo Jornal*, 2017).

Nossa hipótese diante todo o exposto é que embora os asiáticos brasileiros (sobretudo, japoneses e seus descendentes) pareçam ter tido relativo êxito em construir uma imagem positiva do Japão e de si próprios enquanto “minorias modelo” no Brasil, a partir da circulação de imagens e sonoridades japonesas nas mídias e fora delas (URBANO & ARAUJO, 2018), isso contribuiu para uma representatividade estática e pautada por um exotismo que veio se consolidando nas mídias em nosso país. A figura do(a) “japa”, sempre associada a ideais de eficiência e esforço, de um dom natural que emerge naturalmente associado a partir do fenótipo, e corroborado pelo mito da “minorias modelo” embora num primeiro olhar pareça ter uma conotação positiva, desvela, paradoxalmente, o véu dessa construção discursiva da ordem do senso comum, no qual os brasileiros de ascendência asiática são imaginados sempre como o “estrangeiro e/ou outro não-pertencente” ao local, levantando questões concernentes aos mecanismos pelo qual opera o racismo contra o asiático no Brasil.

(...) o brasileiro descendente de japonês, mesmo que esteja no Brasil pelo número igual de gerações que um brasileiro descendente de imigrante russo, por exemplo, é considerado japonês e não brasileiro. Isso deixa claro que o tripé consagrado por Gilberto Freyre como “o povo brasileiro” - o branco colonizador, o negro escravo e o índio nativo - são aqueles que dividem no imaginário de nossa cultura a condição de brasileiros. (SCHUCMAN, 2017, p. 69)

Dois episódios recentes da TV aberta brasileira nos remetem diretamente às questões que abordamos até aqui. O primeiro caso também é originário na Rede Globo de televisão, envolvendo a apresentadora Angélica em seu programa atual “Estrelas”, exibido nas tardes de sábado na referida emissora. Na matéria exibida¹⁶, a apresentadora visita o bairro da Liberdade em São Paulo acompanhada da cantora Paula Fernandes e da dupla sertaneja Marcos e Belutti. Para além das piadas recorrentes por parte da apresentadora e das celebridades integrantes da matéria, o que fica explícito é o caráter exótico pelo qual os brasileiros de ascendência asiática e sua cultura são construídos exoticamente a partir das narrativas produzidas pelas (e nas) mídias e frequentemente reforçado pelas celebridades e apresentadores locais.

Outro exemplo recente inclui a apresentação do quarteto de *k-pop* K.A.R.D em 2017 no programa Raul Gil¹⁷, exibido no SBT e apresentado também nas tardes de sábado. O referido episódio é extremamente importante para entendermos as recorrentes micro-agressões contidas no ato aparentemente inocente de “puxar os olhos”, para emular as características orientais. Com efeito, torna-se imperiosa a pergunta: afinal, por quais mecanismos opera o racismo em torno dos brasileiros de múltiplas ascendências asiáticas que residem em nosso país? De fato, os mecanismos

16. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6314200/>>

17. Programa Raul Gil em ocasião da visita do K.A.R.D completo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kA_xu8tlePE&t=6s>

do racismo contra asiáticas/os no Brasil parecem ainda não serem bem compreendidos, muito menos a formulação da ideia de solidariedade entre não-brancos, principalmente no seio das colônias asiáticas em território brasileiro, como o episódio “Fala Frango”, que abriu esse artigo, bem nos demonstrou.

Ao longo da sua existência, a televisão brasileira passou por momentos de adaptações e re-significações tentando acompanhar as transformações da sociedade. A programação televisiva, em especial o telejornalismo, os programas de entretenimento e as telenovelas, reproduzia tendências e estilos do exterior para, com o passar dos anos, construir e formar um caráter televisivo brasileiro, com características próprias, vinculadas às questões nacionais (KILLIP, 2003; MATTOS, 2002). Apesar de a instituição televisiva deter um senso de legitimidade, especialmente o telejornalismo que construiu uma autoridade comprometida com a verdade e o conhecimento, as análises presentes neste trabalho mostram que a abordagem de certos assuntos pode apresentar falhas aos olhos de quem possui um conhecimento maior sobre o tema ou está inserido em um meio que lhe fornece informações mais completas. A aparente falta de proximidade cultural (STRAUBHAAR, 1991), não poderia justificar, no caso específico brasileiro, as micro-agressões pelas quais os brasileiros de ascendência asiática e sua cultura são submetidos a partir de um discurso midiático altamente estereotipado e exotizado que persiste em se disseminar.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos a produção deste artigo nos deparamos com a dificuldade de encontrar textos sobre branquitude que discutissem sobre a relação entre o branco e o asiático, pois o maior foco dos estudos críticos da branquitude no Brasil está no contraste entre o negro e o branco. Depois entendemos que essa relação entre estudos sobre negros e asiáticos não é apenas interessante como fundamental, pois a negritude enquanto campo epistemológico, segundo nossas referências, foi capaz de enxergar pioneiramente o papel do branco na construção do racismo e acumular informações fundamentais para o entendimento das hierarquias raciais. Em outra instância, o asiático ocupa outro papel dentro dessas hierarquias raciais e é capaz de mostrar realidades entre os extremos. Nesse sentido, é importante também destacarmos o importante papel dos pesquisadores brancos, que através de seus privilégios e espaços dentro das redes da branquitude, foram capazes de colher informações que dificilmente seriam compartilhadas com não-brancos.

Quando a representatividade asiática é questionada, é bastante recorrente que fontes que abordem a noção de negritude sejam acionadas. Isso provavelmente acontece porque a literatura sobre questões raciais voltadas para os problemas enfrentados por negros é muito mais densa e direta no Brasil podendo, assim, servir como referência para outros grupos étnico-raciais não-brancos. No entanto, negros e asiáticos, como vimos ao longo do artigo, são estereotipados, tratados e exotizados de

maneiras diferentes nos mesmos espaços. As mídias brasileiras podem ser entendidas neste artigo como exemplos de espaços desses acontecimentos. Essas mídias, por sua vez, são majoritariamente pertencentes à branquitude (ou branquitudes, esta pois esta não é uniforme) cujo funcionamento se estrutura através de redes. Pouco se fala da representatividade asiática nos meios de comunicação brasileiros e o enfoque na atuação da branquitude nesse processo é menor ainda.

A intenção deste trabalho foi demonstrar como a forma que asiáticos são retratados na televisão brasileira está diretamente relacionada com a construção da branquitude que detém o poder sobre essa mídia. A branquitude aparece, dessa forma, como identidade relacional criada por um coletivo em rede que se auto privilegia motivado pelo “medo branco” e pelo narcisismo branco que acionam a rivalidade do branco com os não-brancos aqui mencionados (negros e asiáticos). No caso específico da teledramaturgia nacional, a contratação de atrizes e atores etnicamente diversos para papéis de destaque e correspondentes não costuma acontecer com frequência na televisão local, o que provoca reações segundo as quais é preciso melhorar a representatividade das minorias não-brancas nas produções televisivas e nas mídias locais. Não podemos esquecer também momentos em que não-brancos atacam não-brancos de grupos étnicos-raciais diferentes dos seus e reproduzem o racismo estruturado pela branquitude conforme o caso que abriu nossa discussão demonstrou. Essas e outras questões pertinentes à discussão aqui apresentada, serão aprofundadas mais adiante, no desenrolar de nossa investigação.

REFERÊNCIAS

BIDASECA, Karina. **Perturbando el texto colonial**. Los Estudios (pos)coloniales en América Latina. Buenos Aires: SB, 2010.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. Tese de doutorado publicada pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Brasil 2014.

CRESHAW, Kimberlé Williams. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. 1995.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. (Ed.) **Identity. Community. Culture**. London: Lawrence & Wishart, 1997.

_____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KILPP, Suzana. **Ethnicidades televisivas. Sentidos identitários na TV: moldurações homológicas e tensionamentos**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

LORDE, Audre. Las herramientas del amo nunca desarmarán la casa del amo. **Sobre el segundo sexo**, 1979.

LUGONES, María. **Colonialidad y género**. In: Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre, 2008.

RIBEIRA, Fabio R. O estranho enjaulado e o exótico domesticado: reflexões sobre exotismo e abjeção entre nipodescendentes. In: MACHADO, I. J. R. (Org.). **Japonesidades multiplicadas: Novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002

MAZUR, Daniela; VINCO, Alessandra. **A Representação do Asiático-americano na TV Estadunidense: O Caso de Fresh Off The Boat**. Congresso Internacional Comunicação e Consumo - 6º Encontro de GTS de Pós-Graduação, 2016.

MONTEIRO, Tiago J. L. **Cartografias do imaginário navegante**: reflexões sobre a identidade narrativa diaspórica, o “senso comum mítico” e nosso (des)conhecimento da cultura portuguesa contemporânea. In: 31º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Anais do Intercom, Natal, 2008.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana / Lia Vainer Schucman; orientadora Leny Sato. -- São Paulo, 2012.

SILVA, Priscila Elisabete da. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil** / Tância Mara Pedrosa Müller, Lourenço Cardoso. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2017.

STRAUBHAAR, Joseph. Beyond Media Imperialism: Assymetrical Interdependence and Cultural Proximity. **Critical Studies in Mass Communication** 8(1): 39-59,1991.

URBANO, Krystal; ARAUJO, Mayara. **Beyond Japanese Lenses: reflections on the Korean diaspora and the Hallyu Wave in Brazil**. In: 9th World Congress of Korean Studies, 2018, Seul, South Korea, 2018. p.01 – 14.

URBANO, Krystal.; MELO, Maria Elizabeth Pinto. **A Representação dos Asiáticos na TV Brasileira: Apontamentos Iniciais** In: Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, 2018.

“Globo favorece atores ocidentais em núcleo japonês de nova novela das 18h”. *Folha de S. Paulo*, 08 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1800063-globo-favorece-atores-ocidentais-em-nucleo-japones-de-nova-novela-das-18h.shtml>> Acesso em: Jul/2018.

“Exu, sushi erótico e hipnose”. *Folha de S. Paulo*, 11 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esp/ilustrada/236036-exu-sushi-erotico-e-hipnose.shtml?loggedpaywall#_=#_> Acesso em: Jul/2018.

“Ângela Bismarchi decide virar japonesa de vez e recuperar a virgindade”. *Portal EGO - Globo.com*, 12 de fevereiro de 2008. Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL314554-9798,00-ANGELA+BISMARCHI+DECIDE+VIRAR+JAPONESA+DE+VEZ+E+RECUPERAR+A+VIRGINDADE.html>> Acesso em: Jul/2018.

“O que é whitewashing. E por que o cinema é tão criticado por isso”. *Nexo Jornal*, 30 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/30/O-que-%C3%A9-whitewashing.-E-por-que-o-cinema-%C3%A9-t%C3%A3o-criticado-por-isso>> Acesso em: Jul/2018.

“Ator que criticou globo por japoneses fakes entra para Sol Nascente”. Disponível em: <<https://www>.

otvfoco.com.br/ator-que-criticou-globo-por-japoneses-fakes-entra-para-sol-nascente/> Acesso em: Jul/2018.

“Jovens de origem asiática se mobilizam por maior representatividade”. *Nexo Jornal*, 30 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/27/Jovens-de-origem-asi%C3%A1tica-se-mobilizam-por-maior-representatividade>> Acesso em: Jul/2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-204-3

